



## Teologia e ecologia: contribuições da teologia cristã no enfrentamento da crise ambiental

*Theology and ecology: contributions of christian theology in addressing the environmental crisis*

Antonio Gustavo Costa Sousa<sup>1</sup>, Eduardo Sales de Lima<sup>2</sup>

Autor correspondente: Eduardo Sales de Lima Email: Eduardo.lima@unicesumar.edu.br

### RESUMO

A temática da crise ambiental é constante nos noticiários. Segundo o relatório do IPCC 2023, o aquecimento da superfície global desde 1970 é o mais rápido dos últimos dois mil anos. Também há discussões e ações para abrandar e/ou reverter essas situações. A fim de contribuir para a discussão esse trabalho pretende discutir a temática considerando a relevância da episteme cristã no contexto brasileiro. Dessa forma, pretende-se defender que as igrejas podem desenvolver um papel fundamental na composição cultural das respostas às questões ambientais. A partir da pesquisa bibliográfica, concluiu-se que, embora pouco desenvolvido, há espaço para as discussões ambientais a partir do espectro religioso, pois as teologias latino-americanas fornecem uma base promissora para que igrejas sejam ativas no enfrentamento da crise ambiental, contribuindo para a relação do ser humano com o meio ambiente.

**Palavra-chave:** Ecologia; Ecoteologia; Episteme; Religião; Teologias Latino-Americanas.

### ABSTRACT

The theme of the environmental crisis is a constant in global news. According to the 2023 IPCC report, global surface warming since 1970 has been the fastest in the last 2,000 years. Discussions and actions to mitigate and/or reverse these trends are also underway. To contribute to this debate, this study aims to examine the issue by considering the relevance of the Christian *episteme* (knowledge framework) within the Brazilian context. Thus, it argues that churches can play a fundamental role in shaping the cultural framework of responses to environmental challenges. Through bibliographic research, it concludes that, although underexplored, there is room for environmental discussions within the religious sphere, as Latin American theologies provide a promising foundation for churches to actively engage in addressing the environmental crisis, thereby contributing to redefining humanity's relationship with the environment.

**Keywords:** Ecology; Eco-theology; Episteme; Latin American Theologies; Religion.

1 Graduando do curso de Teologia. Bolsista PIBIC. Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Teologia, Religião e Religiosidade UniCesumar.

2 Doutor em Teologia pela EST. Docente da Graduação em Teologia na Unicesumar-Maringá/PR. Líder do grupo do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Teologia, Religião e Religiosidade Unicesumar. Líder do grupo de pesquisa Lutero e a Teologia da Reforma (LUTER).

## INTRODUÇÃO

Na crise ambiental corrente, proliferam as notícias sobre mudanças climáticas, aumento do nível do mar, poluição, consumo desordenado, exploração violenta e insustentável, entre outras. No Brasil, as enchentes no estado do Rio Grande do Sul, noticiadas em abril 2024, que atingiram 478 municípios, levando ao óbito de 182 pessoas é um alarmante exemplo da emergência climática. Além disso, no mês de fevereiro, houve um aumento de 1124,40% em focos de queimadas no estado de Roraima, comparando com 2023, conforme notícias que atingiram o cenário internacional: “O Brasil em Chamas” (BAND JORNALISMO, 2024).

O resultado é a ampliação das discussões sobre a crise ecológica em diversos setores da sociedade. No entanto, observa-se que a episteme<sup>3</sup> religiosa é ignorada, como se não tivesse contribuições relevantes para oferecer. Isso vai na contramão da necessidade de uma educação ambiental que aborde o cotidiano (Hiroo Saito et al, 2011), algo vital na promoção da cidadania e mobilização consciente. É importante ressaltar que a mobilização não precisa ser isolada na temática do meio ambiente, mas pode dialogar com diferentes epistemes, inclusive a religiosa. Assim, no contexto social brasileiro, marcado pela influência do cristianismo, essa relação pode ser benéfica, pois possibilita a ampliação do diálogo, o que pode resultar na promoção de atividades conjunta3s com as religiões, voltadas à preservação ambiental.

Há, inclusive, iniciativas cristãs que colocam a pauta ambiental como uma de suas prioridades. Um caso que marcou o Brasil profundamente foi o da irmã Dorothy, responsável por implementar o “Projeto de Desenvolvimento Sustentável Esperança”, modelo de assentamento sustentável que gerava renda por meio da extração de madeira sem causar desmatamento (Bringe; Gonçalves, 2014). Outro projeto atual é o do movimento “Renovar Nosso Mundo” que é um movimento global que reúne cristãos buscando mobilizar igrejas locais para enfrentar a degradação ambiental e a pobreza (RENOVAR NOSSO MUNDO, 2025).

No caso da episteme religiosa, além dos fiéis e das doutrinas, inclui diversos saberes informais que influenciam os religiosos e a sociedade direta e indiretamente, inclusive, sobre como as pessoas compreendem e lidam com a natureza. Dessa forma, Leonardo Boff (2016) aponta para algumas tradições judaico-cristãs como a origem da atual crise ecológica, tornando mais urgente um diálogo direto com a perspectiva cristã sobre as atuais crises climáticas.

Todavia, esse diálogo entre a cultura ambiental e as religiões, ainda é tímido e fragmentado. Diante da urgência das questões ambientais e do potencial transformador que pode surgir da aproximação entre cristianismo e ecologia, este trabalho se propõe a lançar luz sobre como o cristianismo pode contribuir para o debate ecológico.

## 2 O CRISTIANISMO E A CRISE ECOLÓGICA

Estima-se que a crise ambiental vem assolando a terra há anos e trazendo prejuízos inestimáveis as mais diversas esferas da sociedade. Os teólogos Xavier e Delfino (2023, p.217) afirmam que esta crise “afeta a todos os homens e mulheres sobre a Terra, independente de religião, cultura, status social

3 Para nosso estudo o termo será usado com referência aos conhecimentos usados por uma determinada linha de pesquisa/reflexão, no caso acima, como referência aos saberes usados pelas religiões, em específico, aos saberes que fundamentam/correspondem à verdade para o cristianismo.

ou qualquer outra especificação que se quisesse fazer”. Nesse sentido, a reflexão proposta pelo Papa Francisco na encíclica *Laudato si: sobre o cuidado da casa comum* (2015, p.79), ressalta a importância de reconhecer a origem antropogênica da crise ecológica, pois “para nada serviria descrever os sintomas, se não reconheçêssemos a raiz humana da crise ecológica.” Essa perspectiva enfatiza a necessidade de uma abordagem ética e transformadora, capaz de promover mudanças estruturais na relação entre o ser humano e o meio ambiente.

Dentre os trabalhos mais conhecidos está o ensaio de Lynn White, “*The Historical Roots of Our Ecologic Crisis*”, publicado em 1967, resultado de uma conferência proferida pelo autor em dezembro de 1966 durante o encontro da *American Association for the Advancement of Science* (AAAS) em Washington. Tornando-se um marco nas discussões entre religiões e meio ambiente. Nesse texto, o autor afirma a importância da episteme religiosa nesse processo, pois “o que as pessoas fazem sobre sua ecologia depende do que pensam sobre si mesmas em relação às coisas ao seu redor” (White, 1967, p.1205 – tradução nossa).

Ele afirma que a ecologia humana é condicionada pela religião. Para isso, utiliza o exemplo da Índia e do Sri Lanka, deixando subentendido serem países onde a religião condiciona a forma de lidar com o mundo. Dessa forma, White argumenta que o cristianismo, por outro lado, “estabeleceu um dualismo entre o homem e a natureza”, quando comparadas às religiões da Ásia, por exemplo. Ele também afirmou que no cristianismo persiste uma lógica exploratória pois, entende-se que “é a vontade de Deus que o homem explore a natureza para seus devidos fins”. Logo, para Lynn White, a episteme cristã teve grande influência na visão antropocêntrica contribuindo para a atual crise ambiental.

A relação entre a teologia cristã e a crise ambiental tem sido bastante debatida, especialmente a respeito da interpretação de textos bíblicos. O teólogo católico Marcelo Barros (2016) analisa como a interpretação tradicional da teologia judaico-cristã tem sido criticada por supostamente contribuir para a postura negligente e exploradora que a humanidade, especialmente nas sociedades ocidentais modernas, adotou em relação ao meio ambiente ao longo dos últimos séculos. Este argumento crítico é frequentemente empregado para questionar o papel do cristianismo na formação da relação humano-natureza e oferece respaldo à tese de White, que identifica na tradição cristã ocidental, particularmente na interpretação dominante do conceito de “domínio” sobre a natureza, uma das raízes fundamentais da atual crise ecológica. O teólogo Jurgen Moltmann (1993), observa que essa acusação decorre do modo de interpretar Gênesis 1:28 “E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra” (Bíblia, ARA, 1993), que, seguindo a intertextualidade com a interpretação do Salmo 8:5–8, que também retrata o domínio concedido por Deus ao homem sobre toda a criação, resulta na formação de um imaginário teológico que reforça a submissão da terra, possibilitando interpretações exploratórias que objetificam e reduzem a natureza aos interesses econômicos.

No cenário brasileiro, o teólogo Angelino da Silva identifica a utilização da passagem de Gênesis (cap.1–2) como forma de fundamentação epistêmica para embasar práticas de devastação do meio ambiente:

Consistindo em um dos textos fundadores da tradição judaico-cristã, esta passagem apresenta uma compreensão que coloca a humanidade no “topo” de toda a natureza, apontando para a supremacia do gênero humano e sua função-tarefa de governar, dominar e subjugar todo o criado (Silva, 2020, p.72)

Embora essa seja uma forma de interpretação da passagem, Silva (2020), em suas considerações finais, aponta que a ideia do texto é afirmar o ser humano como administrador da

natureza, promovendo—a, dando—lhe tutela e levando—a à plenitude. Não é explorar, mas cuidar. De encontro com essa interpretação, pode—se afirmar que Deus delegou a terra ao homem, o que, segundo John Stott (2011, p.45), teólogo cristão conservador clássico, “não significa que, ao delegá—la, ele tenha abdicado de seus direitos sobre ela. Deus nos deu a responsabilidade de preservar e desenvolver a terra”.

Outra tentativa de compreender a relação da crise ambiental com a episteme religiosa foi proposta pelo teólogo Pedro Castelão. Ele afirma que a atual crise ecológica resulta da divinização inconsciente do homem. Defende que há um triângulo primordial onde os vértices que representam Deus, o homem e a natureza, porém o ser humano amputou o vértice divino, causando uma relação desequilibrada, originando numa profunda crise, não só ambiental, mas também antropológica (Castelão, 2019).

Uma vez que o ser humano perdeu o referencial sagrado, ou pior, mudou o referencial sagrado para a lógica de mercado, o eixo da natureza foi substituído pelo eixo do progresso e do desenvolvimentismo. Essa mudança do paradigma sagrado em razão das lógicas de mercado pode ser identificada nas obras do teólogo Franz Hinkelammert (2012), e no próprio desenvolvimento das ciências subjugadas pela lógica positivista, como sugere o epistemólogo Paul Feyerabend (2011).

Esta forma de interpretar reforça a compreensão apresentada por Moltmann (2013) no entendimento de que o homem precisa ser visto como sujeito e objeto da terra. Logo, se excluirmos Deus da relação, “tudo é permitido” qualquer violência e destruição podem ser realizadas (Dostoiévsky, 2008), a tendência será de assumir o lugar da divindade, como afirmou Lima (2018), referindo—se à observações teológico—críticas de Lutero. Sobre essa relação Moltmann e Boff afirmam que

Isto fez Francis Bacon, nos primórdios da Modernidade, prometer isto: a tomada de poder do ser humano sobre a natureza através da ciência e da técnica será como que o restabelecimento da imagem de Deus. Por meio da ciência e da tecnologia, René Descartes queria fazer do ser humano “senhor e proprietário da natureza”. Esse “complexo de Deus” alienou o ser humano moderno da natureza e o tornou violento ante a Terra. (Moltmann; Boff, 2013, p.50)

Assim, entende—se que o mundo foi reduzido ao status de mercadoria “um objeto, uma coisa a ser manipulada pelo homem, tendo em vista ser transformado em mercadoria, visando satisfazer um consumo desenfreado” (Xavier; Delfino, 2023, p. 215). O teólogo Afonso Murad também desenvolve esse raciocínio ao relatar que “a ecologia questiona o antropocentrismo egóico e desequilibrado, que adveio com a ciência moderna” (Murad 2020, p.522). Essas críticas podem ser entendidas pelo próprio conceito de desenvolvimento, como um distanciamento, um “des—envolvimento”, que reduz a realidade à objetificação. Assim, essa perspectiva crítica provoca a reflexão sobre a possibilidade de uma mudança epistêmica, primeiro do teocentrismo para o antropocentrismo, e agora, com ênfase no tecnocentrismo<sup>4</sup> como uma das possíveis raízes da crise ecológica que enfrentamos.

O Papa Francisco na *laudato si* (2015, p.79) afirma que “a humanidade entrou numa nova era em que o poder da tecnologia nos põe diante de uma nova encruzilhada” caracterizada pela ambiguidade de continuar evoluindo tecnologicamente, mas, em contrapartida, degradar severamente a natureza. Essa degradação ganha ainda mais força quando somada ao atual modelo mundial de produção e consumo, consequência continuada da Revolução Industrial no final do século XVIII (Xavier;

4 Por tecnocentrismo pode—se pensar a partir do conceito das *techné* gregas que para Vargas (1994) eram, em princípio, constituídas por conjuntos de conhecimentos e habilidades profissionais transmissíveis de geração a geração. Na atualidade, pode—se perceber uma predominância da *techné* sobre a criação e sobre a própria vida, como se a *techné* tivesse deixado de ser um meio para tornar—se o objetivo.

Delfino, 2023). Infelizmente, como define o doutor em ecologia, Genebaldo Dias (2000), as pessoas estão se tornando ávidos consumidores, o que gera exploração, violência e escassez, viralizado como uma episteme orientadora das múltiplas realidades, influenciando, inclusive, os discursos das religiões.

Percebe-se, diante do apresentado, que pontuar apenas uma causa da crise ambiental é praticamente impossível. Não existe um consenso entre os autores, pois há variadas possibilidades de interpretação, caminhos e descaminhos para entender a crise ambiental. E, em vista dos argumentos propostos, perguntamos se o cristianismo é um dos culpados pela crise ambiental. A princípio, isso parece um tanto reducionista, “pois é possível verificar na vida de inúmeros representantes da fé cristã – como, por exemplo, São Francisco de Assis – não um relacionamento abusivo, mas antes um convívio harmonioso com o cosmo” como aponta o teólogo Saulo Gama (2020, p.100). Todavia, pode-se afirmar seguramente que houve negligência em relação a essa temática pois

a Igreja, que foi criticada pelo mundo moderno porque se esquecia da realidade atual para pregar apenas uma salvação no “outro mundo” passa hoje a ser acusada pelo mundo pós-moderno de ter sido uma das causas da destruição e da devastação, em curso, da natureza. Especialmente por causa da sua teologia da criação, o cristianismo é hoje acusado de ter dado origem e de ter impulsionado o progresso com a sua atitude estúpida e suicidamente arrogante em relação ao meio ambiente. Por estes motivos, um estudo atual sobre a teologia da criação não pode deixar de lado os desafios e o questionamento básico que surgem da crise ecológica (Rubio, 2006, p. 535)

Portanto, uma abordagem ecológica fundamentada na episteme cristã representa um caminho essencial para enfrentar a atual crise ambiental. Recuperar o equilíbrio na relação triádica entre Deus, ser humano e natureza possibilita reconstruir uma ética do cuidado que supera tanto o antropocentrismo egóico quanto a idolatria do progresso tecnológico. A tradição cristã, quando corretamente interpretada, oferece recursos teológicos valiosos que promovem a mordomia responsável da criação, reconhecendo o papel humano não como dominador, mas como guardião da “casa comum”.

### 3 O PAPEL DA IGREJA NA CRISE AMBIENTAL

A sociedade civil vem buscando formas de mitigar os danos causados pela crise ambiental. Para isso usam as mais diversas técnicas de recuperação do meio ambiente, investem em propagandas conscientizadoras, estabelecem metas, medidas consideradas de extrema importância, mas que não produziram o efeito esperado, como afirma Castelão (2019, p.288): “as decisões políticas e econômicas são de fato, importantes e urgentes, mas ambas exigem uma nova antropologia que repense o quadro global da relação entre o homem e a terra”.

Isso não é algo novo para as religiões que “sabem há milênios que se não mudarmos [como pessoas], não seremos capazes de mudar a realidade que nos rodeia” (Castelão, 2019, p.288). Dessa forma, tratando-se especificamente da religião cristã, podemos falar de sua tradição institucionalizada, que representa um microcosmo social que influencia a realidade a sua volta (Wunemburger, 2008), possibilitando distúrbios ou melhorias ambientais.

Para reforçar essa capacidade, podemos observar que, ao longo da história, o cristianismo tem desempenhado um papel importante em diferentes esferas da sociedade. Esse alcance social corresponde ao que o teólogo Goheen (2014, p.21) afirma ao entender a Igreja como uma comunidade “chamada a ser uma participante crítica em seu cenário cultural. Participação que envolve solidariedade e desafio”. O problema, por outro lado, ao se considerar a relação do cristianismo com o meio ambiente,

diz respeito a apatia de suas ações.

Um dos motivos do desinteresse é a pregação de uma episteme alienada, dualista, voltada para a realização do indivíduo, desconectada do outro e de tudo ao seu redor, preocupada apenas com a autossatisfação inconsequente, o que já representa um resultado da contínua influência das lógicas de mercado na formação da episteme cristã (Hinkelammert; Nadal; Silnik, 2012).

O sociólogo Löwy (2016) referência na área, observou fundamentou a importância de uma militância cristã para conscientização e politização. Para ele a tradição de interpretação bíblica e contextual sobre o tema da libertação são fundamentos epistêmicos com potencial de transformação social. Todavia, a ausência de militância pode incorrer na redução da episteme cristã às lógicas de mercado, o que favorece o contexto exploratório e individualista.

Em ações conciliares entre os evangélicos, observou-se a preocupação com a relação entre interpretação da fé cristã e cuidado sociopolítico.

[...] Deus é o criador e o juiz de todos os homens. Portanto, devemos partilhar o seu interesse pela justiça e pela conciliação em toda a sociedade humana, e pela libertação dos homens de todo tipo de opressão. Porque a humanidade foi feita à imagem de Deus, toda pessoa, sem distinção de raça, religião, cor, cultura, classe social, sexo ou idade, possui uma dignidade intrínseca em razão da qual deve ser respeitada e servida, e não explorada. Aqui também nos arrependemos de nossa negligência e de termos algumas vezes considerado a evangelização e a atividade social mutuamente exclusivas. Embora a reconciliação com o homem não seja reconciliação com Deus, nem a ação social, evangelização, nem a libertação política, salvação, afirmamos que a evangelização e o envolvimento [sociopolítico] são ambos parte do nosso dever cristão. (Lausanne, 1974).

Que por certo compactua com o que afirma o Vaticano no Compêndio de Doutrina Social da Igreja:

A humanidade de hoje, se conseguir conjugar as novas capacidades científicas com uma forte dimensão ética, será certamente capaz de promover o ambiente como casa e como recurso, em favor do homem e de todos os homens; será capaz de eliminar os fatores de poluição, de assegurar condições de higiene e de saúde adequadas, tanto para pequenos grupos como para vastos aglomerados humanos. A tecnologia que polui pode também despoluir, a produção que acumula pode distribuir de modo equitativo, com a condição de que prevaleça a ética do respeito pela vida e a dignidade do homem, pelos direitos das gerações humanas presentes e daquelas vindouras (Doutrina Social Da Igreja, 465).

Mesmo com esses posicionamentos das Igrejas, ainda é muito tímida a mobilização real dos cristãos quanto às pautas ambientais. Uma resposta para isso é que a “religião foi reduzida às práticas devocionais, ao ritualismo litúrgico e à moral individualista” (Murad, 2020, p.531). Isso fez com que problemas comunitários fossem ignorados, focando apenas no individual. Segundo a teóloga Diane Chandler (2020), pode-se encontrar cinco atitudes que impedem os cristãos de se envolverem com as questões ambientais: primeiro, a crença de que este mundo não é meu lar; segundo, acreditar que o cuidado com a criação é algo herético e se alinha com movimento *new-age*; terceiro, o preconceito com o panteísmo, ao se envolver com cuidado do meio ambiente; quarto, as percepções e vieses políticos; quinto, a redução da prioridade do Evangelho em relação ao indivíduo. Essas atitudes nos mostram a dificuldade em lidar com o tema do meio ambiente nas igrejas, resultando em redução da episteme cristã e na formação de novos imaginários religiosos regrados pelas lógicas de mercado.

Na pesquisa publicada em 2024, pelo ISER (Instituto de Estudos da Religião), realizada em três capitais brasileiras, São Paulo, Recife e Rio de Janeiro, durante um evento evangélico em que foram entrevistadas 673 pessoas destacou-se: 91% do total era evangélica e apenas 9% não sabiam responder ou não achavam importante abordar questões sobre meio ambiente em suas igrejas. Apenas

33% afirmaram que suas igrejas têm algum tipo de atividade sobre questões ambientais, no entanto, “apontaram ações como distribuição de sopa para pessoas em situação de rua, como exemplo de atividades sobre meio ambiente exercidas por suas igrejas” (Teixeira; Mochel; Santos, 2024, p.17).

Os dados acima nos mostram que existe um interesse por parte dos evangélicos, quando se trata das questões ambientais, mas que infelizmente as ações práticas estão aquém de seu potencial. Os pactos, confissões e estatutos não se traduzem em ações práticas, apesar de seus fiéis, no geral, serem a favor da causa. Obviamente os dados apresentados não representam todos os cristãos do Brasil, indicando que a problemática é muito maior.

No contexto latino-americano, emergem as teologias latino-americanas em meados do século XX, “em conjunto com as teologias do Terceiro Mundo, também chamadas de Teologias Contextuais” (Fernandes, 2020, p.9). A teologia da libertação problematiza a opressão contra os necessitados, e tem considerado o tema do cuidado e libertação da natureza, todavia, os movimentos de teologia da libertação sofrem preconceito político e, muitas vezes, nem são contadas ou são vistas como “heréticas” por grupos evangélicos mais conservadores. Segundo Boff (2012) essa opressão é um pecado social e a única forma de opor-se é através da graça social, fruto do dom de Deus e do desempenho humano inspirado por Deus. Assim, Boff inclui o desempenho humano na ação em favor do meio ambiente.

O autor Löwy (2016), diz que a teologia da libertação questiona a separação entre as esferas política e religiosa, apontando-nos, assim, uma ideia de teologia que sai de suas paredes eclesiais e atua também na comunidade. Essa perspectiva também foi apresentada por Gutierrez, pois, conseqüentemente, a “salvação de Deus não é um simples estado d'alma, nem, muito menos, uma salvação após a morte, mas uma libertação histórica, a ser desfrutada, aqui e agora, pela pessoa e pela sociedade” (Gutierrez, 1981, p.67).

Essa perspectiva relaciona-se com a Teologia da Missão Integral, que surgiu na década de 70, e também com propostas para o problema climático. Assim, o teólogo Padilla (2014) entende que Jesus deve ser encarnado na crítica realidade latino-americana de subdesenvolvimento, injustiça, fome, violência e desespero, o que resulta numa episteme cristã que dialoga com a sociedade de forma integral.

Diante disso, podemos afirmar que a teologia da missão integral, assim como a teologia da libertação, tem uma perspectiva prática em suas fundamentações, entendendo que a salvação não é apenas algo espiritual, o que concorda com a teologia de Moltmann:

Salvação é uma grandeza que inclui integridade e bem-estar dos homens, salvação para o “totus homo”, não simples salvação da alma para o indivíduo, salvação não significa apenas bens espirituais, (mas abrange, da mesma forma, a saúde do corpo). Jesus cura a pessoa toda. (Moltmann, 2009, p.153).

No contexto brasileiro pode-se citar a Prelazia de Tefé, que foi orientada “pelos princípios e fundamentos da Teologia da Libertação” (Barros; Mafra, 2008), que apresenta um movimento concreto de resistência epistêmica da Igreja Católica frente à cultura de exploração da natureza, como aponta Bezerra:

A Igreja Católica, liderada na região pela ala mais progressista, teve papel central para que na região do Médio Solimões florescesse um movimento de preservação que mais tarde se refletiria na criação de unidades de conservação de uso sustentado por todo seu território. (Peralta, 2022, p.108).

Este exemplo, embora apresente uma atuação concreta, revela, ao mesmo tempo, as possibilidades de atuação, assim como o impacto social e ecológico, que também podem resultar da

negligência e redução da episteme cristã, pois na ausência de enfrentamento, “tudo é possível”.

Diante do exposto, evidencia-se que a Igreja cristã, enquanto instituição de relevante influência sociocultural, possui um potencial transformador ainda subutilizado no enfrentamento da crise ambiental. Apesar de fundamentos teológicos — como a Teologia da Libertação e a Missão Integral — defenderem uma práxis que integra cuidado ecológico e justiça social, prevalece uma cisão entre discurso doutrinário e ação concreta. A redução da episteme cristã às lógicas individualistas de mercado, somada à priorização de ritos devocionais em detrimento de engajamento comunitário, explica a timidez das mobilizações ambientais nas comunidades de fé. Contudo, exemplos como o da Prelazia de Tefé demonstram que, quando alinhada a uma antropologia crítica — como propõem Castelão e Löwy —, a Igreja pode catalisar mudanças significativas, articulando espiritualidade e responsabilidade socioambiental.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise ambiental, agravada por eventos extremos como as enchentes no Rio Grande do Sul e as queimadas em Roraima, evidencia a urgência de respostas coletivas que transcendam abordagens técnicas e políticas. Este trabalho demonstra que a religião, em especial o cristianismo, possui um papel ambivalente nesse cenário: enquanto suas tradições teológicas foram historicamente associadas a uma visão antropocêntrica e exploratória da natureza, sua estrutura institucional e recursos doutrinários oferecem potenciais caminhos para uma reconexão ética com o meio ambiente.

A análise crítica revelou que a interpretação de textos bíblicos foi instrumentalizada para justificar práticas predatórias. No entanto, teólogos contemporâneos reafirmam que a tradição judaico-cristã carrega em si uma ética do cuidado, baseada na ideia de mordomia responsável e na sacralidade da criação.

O problema central reside no hiato entre o potencial transformador do cristianismo e sua atuação prática. Embora haja documentos, concílios, produções acadêmicas e movimentos voltados para a integração entre fé e ecologia, a realidade das comunidades cristãs, ainda reflete uma priorização de ritos individuais em detrimento de engajamento socioambiental. A redução da espiritualidade a uma “moral individualista” e a influência das lógicas de mercado sobre a episteme religiosa explicam essa dissonância.

Contudo, iniciativas como a Prelazia de Tefé e a Teologia da Libertação comprovam que, quando alinhadas a uma antropologia crítica, as igrejas podem promover mudanças estruturais, articulando justiça social e preservação ecológica.

Assim, para superar a apatia predominante, é essencial resgatar a dimensão comunitária e profética do cristianismo como prática de engajamento e militância social e política. Isso implica revisitar tradições teológicas que enfatizam a interdependência entre Deus, humanidade e natureza. Ao reinterpretar o conceito de salvação como redenção integral, propõe-se uma aproximação entre fé cristã e ação socioambiental, rejeitando a falsa dicotomia entre fé e política.

Por fim, a crise ecológica exige que o cristianismo transcenda seu histórico de ambiguidade e assuma seu papel como agente de transformação. Isso demanda não apenas a reeducação dos fiéis, mas também alianças com movimentos científicos, ambientais e inter-religiosos, reconhecendo que a preservação da “casa comum” é um imperativo ético universal. Pois, a omissão da Igreja diante desse desafio não apenas aprofunda a degradação planetária, mas também compromete sua credibilidade



em um mundo que clama por esperança encarnada em ações concretas. A reconciliação entre fé e ecologia, portanto, não é opcional, mas uma questão de interpretação e percepção da nossa relação com o todo de forma que a conversão religiosa também deva ser considerada como conversão ecológica.

## REFERÊNCIAS

- BAND JORNALISMO. **O Brasil em Chamas**. BAND Jornalismo, 06/09/2024. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/noticias/jornal-da-noite/videos/fumaca-e-fogo-brasil-em-chamas-17281954>. Acesso em: Janeiro, 2025.
- BARROS, José Claudio; MAFRA, Waldir. A Mística Da Libertação. In: Brose, Marcus (Org.): **Experiências A Partir Da Teologia Da Libertação**. Goiânia: Editora Da Ucg. Lideranças Para A Democracia Participativa, 2008. P. 11–19.
- BARROS, Marcelo. A reconciliação que vem da Terra: reminiscências bíblicas e interculturais. In: MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo S. (orgs.). **Cuidar da casa comum**: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'. São Paulo: Paulinas, 2016.
- BÍBLIA SAGRADA. **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Gênesis 1:28.
- BOFF, Leonardo. **A Terra na palma da mão**: uma nova visão do planeta e da humanidade. Petrópolis: Vozes, 2016.
- BOFF, Leonardo. **Graça e experiência humana**: A graça libertadora no mundo. Petrópolis: Vozes, 2012
- BRINGE, Fabiano Oliveira; GONÇALVES, Claudio Ubiratan. Territorialização camponesa e fronteira agrária: o caso do Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) Esperança em Anapu – Pará – Brasil. In: **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 41, n. 2, p. 384–403, maio 2014.
- CASTELAO, P. La crisis ecológica en la antropología teológica: la necesaria recuperación del «triángulo primordial». In: **Estudios Eclesiásticos: Revista de Investigación e Información Teológica y Canónica**, v. 95, n. 373, p. 263–314, 2020. Disponível em: <https://revistas.comillas.edu/index.php/estudioseclesiasticos/article/view/11820>. Acesso em: 18 set. 2024.
- CHANDLER, Diane. J. Creation care: a call to Christian educators and church leaders. In: **Christian Education Journal**, Vol. 18(1), 2021, 112–128. disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/343484656\\_Creation\\_Care\\_A\\_Call\\_to\\_Christian\\_Educators\\_and\\_Church\\_Leaders](https://www.researchgate.net/publication/343484656_Creation_Care_A_Call_to_Christian_Educators_and_Church_Leaders) Acesso em 10/04/2025.
- DA SILVA, W. Angelino. A Bíblia e a crise ecológica: reinterpretando Gn 1,28 frente ao paradigma tecnocrático. In: **Revista Contemplação**, n. 22, 2020. Disponível em: <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/237>. Acesso em: 18 set. 2024.
- DIAS, Genebaldo F. **Fundamentos de educação ambiental**. Brasília: Universa, 2000.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os irmãos Karamazov**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2008.

FEYERABEND, P. K. **Contra o método**. São Paulo: Unesp, 2011.

GAMA, Saulo. A contribuição de uma teologia ecológica no processo de superação da crise socioambiental gerada pelo paradigma tecnocrático. In: **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 14, n. 25, p. 92–105, 30 ago. 2020. disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/49752> acesso em 12/04/2025.

GUTIERREZ, Gustavo. **A força histórica dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1981.

HINKELAMMERT, F. J.; NADAL, Estela Fernández; SILNIK, Gustavo David. **Teología profana y pensamiento crítico**. Ciudad de Buenos Aires: CLACSO, 2012.

HIROO SAITO, Carlos; RUSCHEINSKY, Aloísio; DA PURIFICAÇÃO DE BASTOS, Fabio; BANDEIRA ALMEIDA NUNES, Jacy; FERNANDES SILVA, Luciano; CARVALHO, Luiz Marcelo de. Conflitos Socioambientais, Educação Ambiental e Participação Social na Gestão Ambiental. In: **Sustentabilidade em Debate**, v. 2, n. 1, 2011. p. 121–138 DOI: 10.18472/SustDeb.v2n1.2011.3910. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sust/article/view/15317>. Acesso em: 16 abr. 2025.

LAUSANNE MOVEMENT. **Pacto de Lausanne**. Lausanne Movement, 1974. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/statement/pacto-de-lausanne>. Acesso em: 10 Abril 2025.

LIMA, Eduardo Sales de. Que Deus seja Deus: a reforma da teologia. In: **Iniciação Científica CESUMAR**, Maringá, v. 20, n. 1, p. 109–117, jan./jun. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.17765/1518-1243.2018v20n1p109-117>.

LÖWY, Michael. **O que é Cristianismo da Libertação**: religião e política na América Latina. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2016.

MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação**: doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1993. MOLTMANN,

Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo**. São Paulo: Academia Cristã, 2009.

MOLTMANN, Jürgen; BOFF, Leonardo. **Há esperança para a criação ameaçada?** Petrópolis: Vozes, 2013.

MURAD, Afonso. Ecoteologia: ciência da fé e espiritualidade. **Revista Pistis Praxis**, v. 12, n. 3, 14 dez. 2020, p.519–540. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/27610/24685> acesso em 10/04/25.

PADILLA, C. René. **Missão Integral**: O Reino de Deus e a Igreja. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2014.

PERALTA, Nelissa. A Teologia da Libertação, o Ambientalismo e as Unidades de Conservação no Amazonas. ContraCorrente: In: **Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas**, [S.I.], n. 18, p. 103–128, dez. 2022. ISSN 2525–4529. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/2543>. Acesso em: 16 abr. 2025.

RENOVAR NOSSO MUNDO. **Quem Somos**, 2025. Disponível em: <https://renovarnossomundo.org/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

RUBIO, A.G. **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2006.

STOTT, John. **O discípulo radical**. Viçosa: Ultimato, 2011.

VARGAS, Milton. **Para uma filosofia da tecnologia**. São Paulo: Alfa–Omega, 1994.

WHITE JR., Lynn. **The Historical Roots of Our Ecologic Crisis**. In: *Science*, v. 155, n. 3767, p. 1203–1207, mar. 1967.

XAVIER, Donizete José; DELFINO, Claudio Antônio. Em busca de esperança: um diálogo entre o cristianismo e o islamismo acerca da crise ecológica vigente. In: **Caminhos de Diálogo**, v. 11, n. 19, p. 213–227, 2023. DOI: 10.7213/CD.A11N19P213–227.

*Recebido: 2025–03–20*

*Aceito: 2025–04–17*